

NEIL  
GAIMAN

ALERTA  
DE RISCO

CONTOS E  
PERTURBAÇÕES





ALERTA  
DE RISCO



NEIL  
GAIMAN

ALERTA  
DE RISCO

CONTOS E  
PERTURBAÇÕES

TRADUÇÃO DE  
AUGUSTO CALIL





intrinseca

Copyright © 2015 by Neil Gaiman

“Hora nenhuma” © 2013 by Neil Gaiman e BBC Worldwide Limited. Publicado originalmente na coletânea *Doctor Who: 11 Doctors, 11 Stories*, por Puffin. BBC, DOCTOR WHO (marca registrada, logomarca e produtos derivados), TARDIS, DALEKS, CYBERMAN e K-9 (marca registrada, logomarca e produtos derivados) são marcas registradas da British Broadcasting Corporation e seu uso foi autorizado. Logomarca da BBC © BBC, 1996. Logomarca do *Doctor Who* © BBC, 2012. Autorizado por BBC Worldwide. Todos os direitos reservados.

Páginas 302–303 são uma extensão desta página de créditos.

TÍTULO ORIGINAL

Trigger Warning: Short Fictions and Disturbances

PREPARAÇÃO

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Juliana Werneck

Rayssa Galvão

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Adam Johnson

IMAGENS DE CAPA E MIOLO

Paisagem © Jennie Ross/Gallery Stock; Mulher © Bodil Frenndberg/Millennium Images, UK;

Pássaros/Cachorro © Ealisa/ANP/Shutterstock; Árvore com pássaros (miolo) © Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G135a

Gaiman, Neil

Alerta de risco : contos e perturbações / Neil Gaiman ;

tradução Augusto Calil. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

304 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Trigger warning : short fictions and disturbances

ISBN 978-85-510-0030-4

1. Conto inglês. I. Calil, Augusto. II. Título.

16-34111

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

*Não sei ao certo como foi que acabei trabalhando com um honorável agente literário de Hollywood que lê livros por prazer, mas foi o que aconteceu, dezoito anos atrás. Ele ainda é meu agente, ainda é honorável e ainda acha que contos são o melhor tipo de história. Este livro é para Jon Levin.*





# Sumário

Introdução	9
Fazendo uma cadeira	33
Um labirinto lunar	35
Detalhes de Cassandra	43
Às profundezas de um mar sem sol	61
A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras	65
Minha última senhoria	91
História de aventura	95
Laranja	99
Um calendário de contos	107
Caso de morte e mel	131
O homem que esqueceu Ray Bradbury	147
Jerusalém	153
Xique-xique Chocalhos	161
Invocação da indiferença	167
“E vou chorar, como Alexandre”	179

Hora nenhuma	185
Diamantes e pérolas: um conto de fadas	213
A volta do magro Duque branco	217
Terminações femininas	229
Respeitando as formalidades	235
A Bela e a Adormecida	237
Obra de bruxa	259
Em <i>Relig Odhráin</i>	261
Cão negro	265
Créditos	302



# Introdução

## I. Pequenos gatilhos

CERTAS COISAS NOS INCOMODAM. Mas não é bem a essas que vou me referir aqui. Na verdade, tenho em mente aquelas imagens, palavras ou ideias que se abrem como alçapões sob nossos pés, nos arrancando do nosso mundo calmo e confortável para nos lançar em um mundo sombrio e nada acolhedor. O coração dá um salto vertiginoso no peito, a respiração fica difícil. O sangue foge do rosto e das mãos, nos deixando pálidos e ofegantes, em choque.

E o que aprendemos sobre nós mesmos nesses momentos em que o gatilho é apertado é que o passado não morre. Certas coisas ficam à espreita, esperando pacientemente por nós, em passagens sombrias da nossa vida. Acreditamos que ficaram para trás, que as ultrapassamos, que lá vão ressecar e encolher e serão levadas pelo vento — mas estamos enganados. Elas permaneceram lá na escuridão, à espera, se exercitando, praticando seus golpes mais potentes, o soco impetuoso, duro e insensível no estômago, só aguardando o momento em que voltaríamos por aquele caminho.

Os monstros que habitam nossos armários e nossa cabeça jamais deixam a escuridão, como o mofo que cresce sob a tábua corrida e atrás do papel de

parede. E há tanta escuridão... remessas incessantes de escuridão. O universo e seu vasto estoque de sombras.

Do que precisamos ser alertados? Todos temos nossos pequenos gatilhos.

A primeira vez que vi a expressão “alerta de risco” foi na internet [derivada do inglês *trigger warning*], onde é usada geralmente quando há links para imagens ou ideias que podem ser perturbadoras e desencadear lembranças traumáticas, ansiedade ou pânico. A intenção é que as pessoas identifiquem essas imagens e ideias em meio a outros conteúdos e possam evitá-las ou se preparar mentalmente para se deparar com tais gatilhos.

Fiquei fascinado quando soube que os alertas de risco tinham cruzado a fronteira que separa a internet do mundo tangível. Muitas universidades estavam considerando incluir alertas de risco em livros, obras de arte e filmes, para precaver os estudantes contra o que os esperava. A ideia me pareceu ao mesmo tempo atraente (é claro que desejamos informar pessoas suscetíveis de que algo pode vir a perturbá-las) e preocupante: *Sandman* foi publicado originalmente como um quadrinho mensal, que sempre trazia um aviso ao mundo dizendo que era *conteúdo adulto*, e isso me parecia adequado. Era um recado para os leitores em potencial, informando que aquilo não se tratava de um quadrinho infantil e que continha imagens ou ideias possivelmente perturbadoras e sugerindo que o leitor adulto (seja lá quem se encaixe nessa categoria) lidaria sozinho com as consequências. Quanto ao que haveria ali de perturbador, chocante ou capaz de suscitar pensamentos incomuns, eu achava que avaliar isso era responsabilidade do leitor. Se somos adultos, cabe a nós decidir o que queremos ler ou não.

Na minha opinião, o que escolhemos ler quando adultos deveria vir sem nenhum alerta, ou, no máximo, com um “prossiga por sua própria conta e risco”. Precisamos descobrir o que é a ficção, encontrar o significado de uma experiência que será diferente da experiência de qualquer outra pessoa.

Construímos as histórias na nossa mente. Pegamos palavras e lhes conferimos poder, e nos colocamos atrás de outros olhos, enxergando e vivenciando o que os outros veem. Eu me pergunto: *A ficção é um lugar seguro?* E, em seguida: *Deveria ser?* Quando criança, li algumas histórias que, depois de terminar, lamentei tê-las encontrado, pois não estava pronto e elas me deixaram transtornado: histórias que continham desamparo extremo, ou que mostravam pessoas sendo constrangidas ou mutiladas, em que adultos eram retratados como vulneráveis e pais em nada podiam ajudar. Essas histórias me perturbaram e assombraram meus sonhos — os noturnos e os diurnos —, provocando em

mim preocupação e incômodo em níveis profundos, mas também me ensinaram que, ao ler ficção, eu só descobriria os limites da minha zona de conforto se saísse dela. Hoje, já adulto, eu não optaria por não as ter lido, nem se pudesse.

Ainda há coisas que me perturbam profundamente quando encontro essas histórias, seja na internet, no texto ou no mundo. Nunca se tornam mais fáceis, nunca deixam de fazer meu coração bater mais forte, nunca me permitem escapar ileso. No entanto, elas me ensinam, abrem meus olhos e, se me machucam, o fazem de maneira que me leva a pensar, crescer e mudar.

Ao ler a respeito daqueles debates universitários, me perguntei se um dia minhas obras de ficção viriam acompanhadas de um alerta de risco. Será que haveria justificativa para tanto? Então, decidi colocá-lo antes que alguém o fizesse.

Este livro, assim como a vida, contém elementos capazes de perturbá-lo. Aqui você vai encontrar morte e dor, lágrimas e desconforto, violência de todos os tipos, crueldade e até abuso. Há também gentileza de vez em quando, espero. Até um punhado de finais felizes. (Afinal, poucas histórias terminam mal para todos os participantes.) E mais: conheço uma mulher chamada Rocky que tem forte sensibilidade a tentáculos e realmente precisa de alertas para coisas que contenham tentáculos, especialmente tentáculos com ventosas, e que, se encontrar um pedaço inesperado de lula ou polvo, vai se esconder atrás do sofá mais próximo, tremendo. Há um tentáculo imenso em algum lugar nestas páginas.

Muitas das histórias terminam mal para pelo menos um dos envolvidos. Considere-se alertado.

## II. Procedimentos de segurança para o voo

ÀS VEZES, IMENSAS VERDADES são proferidas em contextos inusitados. Eu viajo demais de avião — uma ideia e uma frase que eu seria incapaz de compreender na juventude, quando cada voo era um evento empolgante e milagroso, quando eu olhava pela janela e imaginava que as nuvens eram uma cidade ou um mundo, algum lugar onde eu pudesse caminhar tranquilamente. Mas mesmo hoje, no início de cada voo, me vejo meditando e ponderando sobre os conselhos oferecidos pela tripulação como se fossem um *koan*, uma pequena parábola ou o ápice de toda a sabedoria humana.

Os comissários de bordo dizem:

*Coloque sua máscara antes de ajudar os outros.*

E penso em nós, todo mundo, e nas máscaras que usamos, as máscaras atrás das quais nos escondemos e aquelas que revelamos. Imagino as pessoas fingindo ser o que não são e descobrindo que os outros são muito mais e muito menos do que o papel que representam e do que a imaginação permite conceber. Então penso na necessidade de ajudar os outros, em como nos mascaramos para fazer isso e em como nos tornamos vulneráveis se tiramos a máscara...

Estamos todos usando máscaras. É isso que nos torna interessantes.

Estas histórias tratam dessas máscaras e dos indivíduos que vivem sob elas.

Nós, escritores, que vivemos da ficção, somos um *continuum* daquilo que vimos e ouvimos e, ainda mais importante, de tudo o que lemos.

Tenho amigos que esbravejam, rosnam e explodem de frustração porque as pessoas não conhecem as referências, não sabem o que está sendo indicado, esqueceram autores, histórias e mundos. Tendo a observar isso de uma perspectiva diferente: também já fui uma folha em branco, esperando pela escrita. Foram as histórias que me ensinaram sobre as coisas e pessoas, e foram as histórias que me apresentaram outros autores.

Muitos dos contos deste livro — talvez a maioria — fazem parte desse mesmo *continuum*. Existem porque outros autores, outras vozes, outras mentes existiram. Espero que você não se importe se, nesta introdução, eu aproveitar a oportunidade para indicar alguns dos autores e lugares sem os quais estas histórias talvez jamais vissem a luz do dia.

### III. Pura sorte

ESTA É MINHA TERCEIRA coletânea de contos, e sei como tenho sorte por isso.

Cresci adorando e respeitando os contos. Eu os via como as mais puras e mais perfeitas criações possíveis: nos melhores, nenhuma palavra era desperdiçada. Um autor fazia um gesto com a mão e subitamente surgia um mundo, pessoas, ideias. Um início, um meio e um fim que nos levavam aos confins do universo e nos traziam de volta. Eu adorava todos os tipos de coletâneas de contos, desde as histórias de fantasmas e terror que eu lia quando menino até as autorais, que reformulariam tudo dentro da minha cabeça.

Minhas coletâneas favoritas não me davam apenas os contos, também me contavam coisas a respeito das histórias ali contidas e da própria arte da escri-

ta. Eu respeitava os autores que não escreviam introduções, mas não conseguia amá-los — não como amava os autores que me faziam entender que cada um dos contos da antologia fora escrito e de fato inventado palavra por palavra, registrado por um ser humano que pensava, respirava, andava e, provavelmente, cantarolava no banho, como eu.

Dizem no mercado editorial que as coletâneas de contos não vendem bem. Geralmente são vistas como projetos vaidosos e publicadas por editoras menores, não recebem o mesmo tratamento que os romances. Para mim, no entanto, os contos são os espaços em que posso alçar voo, experimentar, brincar. Tenho a oportunidade de cometer erros e embarcar em pequenas aventuras, e o processo de reunir uma coletânea como esta é ao mesmo tempo assustador e esclarecedor: quando reúno histórias, temas se mostram recorrentes, ganhando novos contornos e mais clareza. Descubro qual foi o tema dos textos que escrevi na década anterior.

#### IV. Pedido geral de desculpas


ACREDITO FIRMEMENTE QUE AS coletâneas de contos devem trabalhar a mesma matéria do início ao fim. Não devem, de modo desordenado e aleatório, reunir histórias que obviamente não foram criadas para estar entre as mesmas capa e quarta capa. Em resumo, não devem ser histórias de terror e fantasmas, ficção científica e contos de fadas, fábulas e poesia, tudo no mesmo lugar. Devem ser respeitáveis.

Esta coletânea não passa nesse teste.

Por isso e por tantos outros motivos, solicito sua complacência e seu perdão, e espero apenas que em algum lugar destas páginas você encontre uma história que talvez jamais chegasse a ler de outra forma. Veja. Eis uma bem pequena, esperando por você agora mesmo:

#### *Sombreador*

ALGUMAS CRIATURAS CAÇAM. OUTRAS colhem frutos das árvores. Um Sombreador não: ele espreeita. É verdade que de vez em quando eles também se escondem. Mas, em geral, apenas espreeitam.



“Certas coisas ficam à espreita, esperando pacientemente por nós, em passagens sombrias da nossa vida. Acreditamos que ficaram para trás, que as ultrapassamos, que lá vão ressecar e encolher e serão levadas pelo vento — mas estamos enganados. Elas permaneceram lá na escuridão, à espera, se exercitando, praticando seus golpes mais potentes, o soco impetuoso, duro e insensível no estômago, só aguardando o momento em que voltaríamos por aquele caminho.”

*A mente de Gaiman é um oceano obscuro e insondável, e sempre que mergulhamos nela, o mundo real desaparece, substituído por um muito mais terrível e belo, no qual nos afogamos com alegria.*

The New York Times

ISBN 978-85-510-0030-4



9 788551 000304

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)